



## CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS

**O Programa Nacional de Habitação Rural (PNHR) como incentivo à permanência das famílias beneficiadas em suas comunidades de origem*****The National Rural Housing Program (PNHR) to encourage the beneficiary families to stay in their communities of origin***Fabrício Gallo Corrêa<sup>1</sup>, Lígia Maria Ávila Chiarelli<sup>2</sup>**RESUMO**

Este estudo apresenta a avaliação da influência do Programa Nacional de Habitação Rural (PNHR) como fator contribuinte e/ou motivador no desejo das famílias beneficiadas em permanecer nas suas comunidades de origem, com possibilidade real de desenvolvimento próprio e das futuras gerações. Para tal, elegeu-se como Estudo de Caso a Colônia de Pescadores Artesanais da Ilha da Torotama - Rio Grande/RS, em virtude da carência de avaliações pós execução do PNHR no meio rural, e ainda em comunidades tradicionalmente estabelecidas, diversas daquelas pertencentes à agricultura familiar. Pretende-se, desta forma, evidenciar a validade do PNHR como uma política pública habitacional que busca em suas determinações e objetivos, além de desestimular o êxodo rural, promover a valorização humana das famílias do campo e de comunidades tradicionais, sua inclusão social e seus anseios por uma vida digna.

**Palavras-chave:** Programa Nacional de Habitação Rural; habitação de interesse social; políticas públicas rurais; avaliação pós-ocupação; satisfação do usuário.

**ABSTRACT**

*This study presents the evaluation of the influence of the National Rural Housing Program (PNHR) as a contributing and / or motivating factor to the benefited families' desire to remain in their home communities, with the real possibility of development themselves and also future generations. To this end, this research selected the Colony of Fishermen of Torotama Island - Rio Grande/RS as a Case Study due to the lack of post-execution evaluations of PNHR in rural areas and even more in traditionally established communities which are different from those belonging to family farming. Thus, it is the intent of this work to discover the validity of PNHR as a housing public policy that in its determinations and objectives seeks not only to discourage rural exodus, but also to promote the human valorization of rural families and traditional communities, their social inclusion and their yearnings for a dignified life.*

**Keywords:** National Rural Housing Program; social interest housing; rural public policies; post occupation evaluation. user satisfaction.

<sup>1</sup> Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense - IFSul, Pelotas/RS - Brasil. E-mail: [fabriciogallo@pelotas.ifsul.edu.br](mailto:fabriciogallo@pelotas.ifsul.edu.br)

<sup>2</sup> Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PROGRAU), Universidade Federal de Pelotas - UFPel, Pelotas/RS - Brasil. E-mail: [biloca.ufpel@gmail.com](mailto:biloca.ufpel@gmail.com)



## 1. INTRODUÇÃO

O Programa Nacional de Habitação Rural (PNHR) é uma política pública habitacional operacionalizada há pouco tempo no país, e a relevância deste estudo ocorre no momento em que surge como discussão à necessidade de proporcionar moradia digna e melhor qualidade de vida aos pequenos e médios agricultores familiares, bem como aos indivíduos pertencentes a comunidades tradicionalmente estabelecidas, como forma e incentivo à permanência no meio rural e/ou em suas localidades de vida e trabalho.

Segundo diversos autores, entre eles Rover e Munarini (2010), Bolter (2013, 2015), Silva (2014) e Atiyel (2016), a conquista da casa própria por si só, não garante a permanência destas famílias em suas comunidades de origem, mas vem atuando de forma significativa no sentimento de valorização tanto familiar como comunitário. Sabe-se que a permanência das famílias no campo se verifica quando há a possibilidade real de desenvolvimento próprio e das futuras gerações familiares e, dessa forma, desestimula a necessidade de deslocamento e migração destas famílias aos centros urbanos, em busca de melhores condições de vida. (BOLTER, 2013).

O estudo pretende colaborar exatamente nessa questão: apresentar uma Avaliação Pós-ocupação no meio rural, e para tal, buscou análises, métodos e técnicas desenvolvidas para o meio urbano por autores já consagrados como Roméro e Ornstein (2003) e Villa, Saramago e Garcia (2015), entre outros. O objetivo é avaliar a influência do PNHR como política pública contribuinte e/ou motivadora no desejo das famílias de beneficiários em permanecer nas suas comunidades de origem, atuando na valorização dos indivíduos, de forma pessoal e comunitária, e com possibilidade real de desenvolvimento próprio e das futuras gerações. Ainda, investigar junto às famílias beneficiárias do PNHR, o nível de satisfação em relação à unidade habitacional recebida, assim como o nível de senso de lugar, envolvendo as variáveis de pertencimento e identidade *ao* e *do* lugar.

A Colônia de Pescadores Artesanais da Ilha da Torotama – Rio Grande/RS foi escolhida como objeto de pesquisa, devido a carência de estudos pós intervenção de programas habitacionais, junto à beneficiários pertencentes a comunidades diversas daquelas que tradicionalmente são atendidas por esses programas, ou seja, as formadas por pequenos produtores da agricultura familiar.

Metodologicamente, para se chegar ao objetivo, a estratégia deste estudo foi o *Estudo de Caso*, já que foram estudados fenômenos que não exigem controle sobre eventos comportamentais, focalizando em acontecimentos contemporâneos. (YIN, 2015). De forma individualizada, junto às famílias beneficiadas pelo programa, pretendeu-se trabalhar com a utilização de multimétodos, destacado e recomendados por Elali (1997), sendo estes: *Levantamentos de Dados* referentes a infraestrutura da Ilha, organização física e cotidiano de serviços públicos; *Questionários* estruturados e entrevistas livres, tendo como base os trabalhos de Roméro e Ornstein (2003) e Villa, Saramago e Garcia (2015), para análise das variáveis de senso de lugar, pertencimento e identidade.



O objeto de pesquisa para o trabalho de campo irá configurar o *Estudo de Caso* como caso único, envolvendo a produção das moradias na Colônia de Pescadores Artesanais da Ilha da Torotama na cidade de Rio Grande/RS.

Segundo estimativa do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), a ilha é ocupada por cerca de 500 famílias dedicadas à pesca artesanal e agricultura familiar de subsistência. Desse universo foram avaliadas 13 moradias entre as 42 já executadas pelo PNHR.

## 2. SENSO DE LUGAR - PERTENCIMENTO E IDENTIDADE

O significado de lugar frequentemente se funde com o de espaço, uma vez que as duas categorias não podem ser compreendidas uma sem a outra. Segundo Tuan, o que começa como um espaço indiferenciado, transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor. (TUAN, 1983). Para o autor “quando o espaço nos é inteiramente familiar, torna-se Lugar” (TUAN, 1983, p.83); “o espaço transforma-se em lugar à medida que adquire definição e significado.” (TUAN, 1983, p.151).

O lugar então, é mais do que uma localização geográfica, ou seja, mais do que um simples espaço. Segundo Relph (1979), não se refere a objetos e atributos das localizações, mas à tipos de experiência e envolvimento com o mundo, a necessidade de raízes e segurança.

Para Seamon e Sowers (2008), a natureza e o significado de um lugar desempenham papéis importantes e fundamentais na vida cotidiana dos indivíduos, e isso só é possível com uma compreensão clara da profundidade e complexidade do lugar. É desta forma que se pode estudar e avaliar o apego, o senso, a identidade do lugar, sendo ele experimentado e formado por pessoas reais em lugares reais. Este pensamento é decorrente dos estudos dos chamados “geógrafos humanistas”, como Yi-Fu Tuan (1974), Anne Buttimer (1976) e Edward Relph (1976), no momento em que consideram insatisfatória a conceituação meramente filosófica de lugar.

O senso de lugar pode ser visto como uma atitude geral em relação a um ambiente específico, e uma estrutura psicossocial complexa, organizada com crenças, emoções e comportamentos. Esta afirmação é reforçada por Jorgensen e Stedman (2006), no momento em que estabelecem a relação com as variáveis:

(a) O Cognitivo (identidade de lugar): crenças e percepções; (b) O Afetivo (apego ao lugar): emoções e sentimentos; (c) O Conativo (dependência de lugar): comportamentos e compromissos.

A experiência de lugar se concentra em lugares específicos, não podendo ser generalizadas de um para outro. E sobre a experiência de lugar, Relph (1976) enfatiza que, a fim de revelar a essência do lugar:

[...] tomando lugar como um fenômeno multifacetado de experiência, e examinando as várias propriedades do local como localização, paisagem e envolvimento pessoal, alguma avaliação pode ser feita do grau em que estes são essenciais para a nossa experiência de senso de lugar. (RELPH, 1976, p.20 *apud* SEAMON e SOWERS, 2008).



Duas são as variáveis de análise do objeto de pesquisa para determinar o nível de senso de lugar: o pertencimento e a identidade. O reconhecimento destes dois conceitos, de acordo com Callai (2004), cria a capacidade/possibilidade de se entender (a si próprio) como sujeito que constrói a sua vida, produzindo a sua história e concretizando-a ao construir/produzir o seu espaço:

Este lugar é um espaço construído como resultado da vida das pessoas, dos grupos que nele vivem, das formas como trabalham, como produzem, como se alimentam e como fazem/usufruem do lazer. É, portanto, cheio de história, de marcas que trazem em si um pouco de cada um. É a vida de determinados grupos sociais, ocupando um certo espaço num tempo singularizado. Considerando que é no cotidiano da própria vivência que as coisas vão acontecendo, vai se configurando o espaço e dando feição ao lugar. Um lugar que é espaço vívido, de experiências sempre renovadas, o que permite que se considere o passado e se vislumbre o futuro. A compreensão disto, necessariamente resgata os sentimentos de pertencimento e de identidade. (CALLAI, 2004, p.2).

## 2.1. PERTENCIMENTO

Considerando o pertencimento como parte do senso de lugar, ele aponta uma conexão emocional entre o indivíduo e o seu ambiente. Normalmente o pertencimento se estabelece ao longo do tempo, através de memórias e de apropriações, e que alteram de forma sensível a identidade do lugar.

Pertencer a um lugar é ter a consciência de fazer parte dele e, segundo Lang (1994), possuir crenças, valores e características refletidas em um grupo de indivíduos e assim, estabelecer laços afetivos com o lugar e os outros

Seamon e Sowers (2008) concluem que, através das combinações e intensidades variadas de “estranhamento” e “pertencimento”, os lugares assumem diferentes identidades para diferentes indivíduos e grupos, e então a experiência humana assume diferentes qualidades de sentimento, significado, ambiente e ação.

Shamai e Kellerman (1985), em um estudo empírico específico, estabelecem inicialmente uma escala com quatro níveis de pertencimento para senso de lugar: (1) não ter senso de lugar, (2) conhecimento do lugar, (3) pertencimento ao lugar, e (4) apego ao lugar. “O propósito da escala é encontrar os diferentes níveis de intensidade de sentimentos e comportamentos de pessoas diferentes, e que geralmente residem no lugar, sempre em um determinado momento.” (SHAMAI, 1991, p.349).

Com base na literatura estudada, Shamai (1991) conclui que ter senso de lugar consiste em três fases: a primeira é o pertencimento ao lugar; a segunda é o apego ao lugar; e a terceira é o comprometimento com o lugar. Como nem sempre há uma distinção nítida entre as fases, Shamai estabelece uma nova escala avaliativa para o senso de lugar. Consistindo em sete níveis, Shamai (1991) cria um *continuum* que vai de zero (0), onde o indivíduo não possui qualquer senso de lugar, até o nível seis (6), onde existe um profundo compromisso com o lugar, ao que Shamai classificou como “sacrifício pelo lugar”. Em linhas gerais, os níveis determinados em sua escala são:



- Nível (0) – Nenhum senso de lugar: não se pode garantir que todos os indivíduos sintam o seu lugar;
- Nível (1) – Consciência de estar em um lugar: o indivíduo está apenas inserido no lugar, porém sem vínculos emocionais;
- Nível (2) – Pertencimento ao lugar: além de inserido, o indivíduo possui familiaridade com ele, e uma conexão emocional;
- Nível (3) – Apego ao lugar: o lugar é o centro de experiências individuais e coletivas; o indivíduo possui conexão emocional em nível mais alto;
- Nível (4) – Identidade com o lugar: fidelidade e lealdade ao lugar, o indivíduo está plenamente inserido e satisfeito com ele;
- Nível (5) – Envolvimento com o lugar: o indivíduo assume um papel ativo na comunidade, normalmente com certa liderança; ele investe seus talentos, tempo e dinheiro na manutenção do lugar; e,
- Nível (6) – Sacrifício pelo lugar: nível mais alto de senso de lugar; o indivíduo é capaz de desistir de interesses pessoais e/ou coletivos por interesses maiores do lugar.

Shamai (1991) destaca que esta escala pode ser um processo de evolução do indivíduo em determinado lugar, ou seja, ao longo do tempo, e através de suas experiências individuais e em grupo, pode desenvolver-se de “nenhum senso de lugar” até quem sabe, para “sacrifício pelo lugar”. Pertencimento então, reflete o grau de apego, envolvimento e interesse que uma pessoa ou grupo de pessoas têm por um lugar específico, sendo ligada à identidade criada com esse lugar. (RELPH, 1976 *apud* SEAMON; SOWERS, 2008).

## 2.2. IDENTIDADE

Relph (1976) se concentra na identidade dos indivíduos e com o lugar, definindo-a como “identidade persistente” (identidade do lugar): “persistente unidade que permite que o lugar seja diferenciado dos outros.” (RELPH, 1976, p.45 *apud* SEAMON; SOWERS, 2008). Esta identidade persistente, identificável no objeto desta pesquisa, é descrita por Relph (1976) em três componentes vitais: (1) A configuração física do local; (2) Suas atividades, situações e eventos; e (3) Os significados individuais e de grupo através das experiências e intenções dos indivíduos em relação a esse lugar.

Pertencimento e identidade: variáveis de senso de lugar; andam lado a lado de forma interativa; e juntas estabelecem o grau de apego, envolvimento e preocupação que um indivíduo ou grupo de indivíduos têm pelo lugar onde estão inseridos, e onde provavelmente planejem permanecer em saudável desenvolvimento.



### 3. CONHECENDO A COLÔNIA DE PESCADORES DA ILHA DA TOROTAMA

A Ilha da Torotama é uma ilha lagunar que faz parte do complexo estuarino da Lagoa dos Patos, sendo uma extensão da localidade conhecida como Povo Novo, 3º distrito do município de Rio Grande/RS. A ilha está localizada entre dois centros urbanos importantes do sul do estado do Rio Grande do Sul: os municípios de Pelotas e Rio Grande. Considerando acessos rodoviários, sua distância até Pelotas é de 42,4 km e até Rio Grande, 55,2 km (Figura 1).

**Figura 1** - Localização da Ilha da Torotama, Rio Grande/RS.



Fonte: Google Maps - Montagem dos Autores, 2018.

Com uma área aproximada de 20 km<sup>2</sup>, seu adensamento populacional está concentrado na parte norte da ilha, onde o terreno é mais alto e seco, propício à ocupação humana, conforme se verifica na Figura 2 abaixo, localizando os 13 beneficiários participantes da pesquisa.

**Figura 2** - Localização dos 13 beneficiários na Ilha da Torotama, Rio Grande/RS.



Fonte: Google Maps - Montagem dos Autores, 2019.



Mesmo sendo próxima às cidades de Pelotas e Rio Grande, a comunidade possui uma forte característica de isolamento. Esse fato se dá devido ao acesso à ilha ser possível apenas por uma única estrada de terra, e esta estar sempre à mercê das condições climáticas que, em várias épocas do ano, seja de chuva ou seca, dificulta e por vezes impossibilita a entrada e saída da ilha.

Porém, esse isolamento é marcado por fatores positivos como uma maior integração da comunidade, a preservação de vários costumes e o fortalecimento da principal atividade econômica que é a pesca artesanal.

Até meados da década de 1980, a ilha não possuía rede pública de energia, e seus moradores utilizavam lampiões e lamparinas. No início dos anos 1990 foi instalada a rede de abastecimento de água, substituindo em muitas casas a utilização da água de poço. De acordo com Schmidt (2000) quase metade das moradias não possuem saneamento básico, e mesmo que existam moradias em melhores condições construtivas, as casas da ilha são geralmente em madeira, sem banheiro interno e com somente uma peça (Figura 3).

**Figura 3** - a) e b): Tipologias Habitacionais existentes na Ilha da Torotama , Rio Grande/RS.



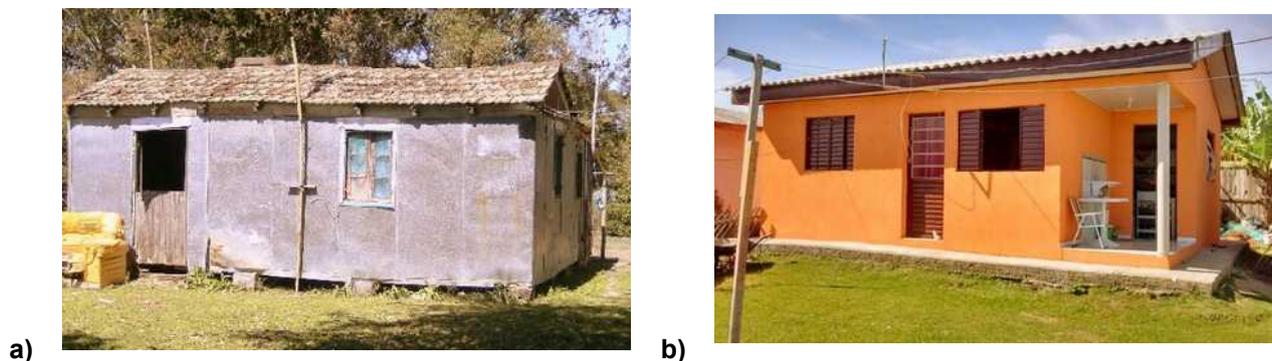
Fonte: Acervo dos Atores, 2010.

Até o ano de 2010, não sendo considerada Área de Marinha, a Ilha da Torotama foi classificada como Terras Devolutas, e sendo assim, passíveis de serem incorporadas ao Patrimônio da União, o que efetivamente ocorreu com a participação imprescindível do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA). Além de configurar a aplicação do PNHR em sua formatação mais atualizada, a Ilha da Torotama foi a última comunidade organizada e atendida pela Cooperativa de Crédito Rural Horizontes Novos de Novo Sarandi (Crehnor-Sarandi), uma das mais atuantes Entidades Organizadoras e executoras do PNHR, na metade sul do Rio Grande do Sul.

No Período de 2013 a 2017, foram executadas 42 das 47 unidades habitacionais contratadas pela CEF, sendo visível a mudança da realidade de uma moradia para outra (Figura 4). Pode-se perceber que a tipologia construtiva é simples, de fácil execução, com alvenarias em tijolos cerâmicos, revestimentos argamassados (reboco) e cerâmicos nas áreas úmidas, pisos cerâmicos, forro em PVC e cobertura em fibrocimento.



**Figura 4** - a) Antes e b) Depois: Intervenção resultante do PNHR na Ilha da Torotama, Rio Grande/RS.



Fonte: Acervo dos Atores, 2010/2018.

#### 4. METODOLOGIA DE PESQUISA

O Questionário foi desenvolvido considerando as experiências e modelos estudados em Roméro e Ornstein (2003) e Villa, Saramago e Garcia (2015). O instrumento de pesquisa resultante configurou uma ficha individualizada composta por nove grupos de perguntas, estabelecidos em numeração sequencial romana, totalizando 78 questionamentos: (I) Moradia - Adequação ao Uso; (II) Conforto Ambiental; (III) Privacidade; (IV) Aparência / Estética; (V) Convivência Social; (VI) Características da Ilha - Infraestrutura e Serviços; (VII) Satisfação do Usuário - Unidade Habitacional; (VIII) Satisfação do Usuário - Questões Específicas 1; (IX) Satisfação do Usuário - Questões Específicas 2. As respostas foram solicitadas buscando averiguar o nível de satisfação dos beneficiários (escala de valores), respostas simples do tipo “sim” e “não” e respostas diretas. Para algumas respostas, foi solicitada uma justificativa para melhor esclarecimento.

Como forma de responder ao objetivo deste estudo, serão apresentados os resultados referentes às quatro últimas questões (75 a 78) do grupo IX (Satisfação do Usuário - Questões Específicas 2), por serem estas as relacionadas diretamente com as percepções dos beneficiários, seu senso de lugar e suas variáveis de pertencimento e identidade. Assim, buscou-se a intencionalidade de permanência em sua comunidade, após a experiência do PNHR. Para tal, serão apresentados tabelas, gráficos e ainda o recurso de *nuvem de palavras* onde se verificam as respostas com maior recorrência entre os beneficiários entrevistados.

#### 5. ANÁLISE DE RESULTADOS

O nono grupo de perguntas, em especial as questões 75 a 78, procurou de forma mais particular, perceber e identificar os sentimentos das pessoas envolvidas na pesquisa em relação ao lugar em que vivem. Em decorrência das respostas obtidas e conversas realizadas, não foi surpresa o resultado para a questão 75 (Gráfico 1) que buscou investigar a intencionalidade dos beneficiários em continuar desenvolvendo suas vidas na Ilha da Torotama.



**Gráfico 1** - Satisfação do Beneficiário - Intencionalidade de Permanência.



Fonte: Elaboração dos Autores, 2019.

Ao justificarem a resposta, as citações mais recorrentes originaram a seguinte nuvem de palavras (Figura 5), onde se destacam:

**Figura 5** - Nuvem de Palavras sobre Motivos à Permanência na Ilha.



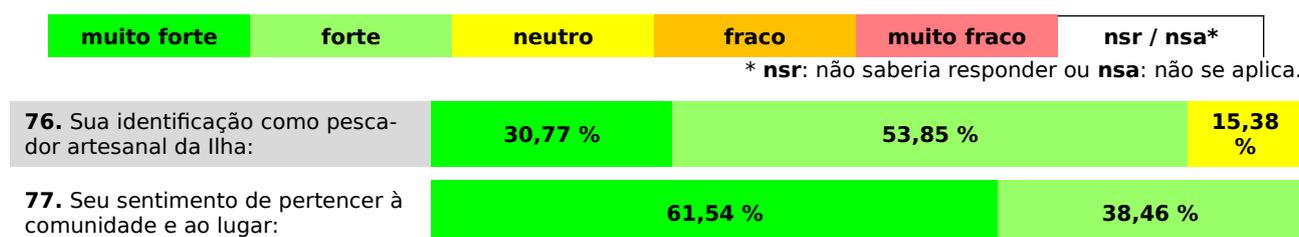
Fonte: Elaboração dos Autores, 2019.

Para os beneficiários entrevistados que ainda apresentavam certa timidez durante o processo de pesquisa, a justificativa quase sempre recaía no costume já adquirido em viver na Ilha. Cabe salientar que nenhum declarou este sentimento de forma negativa, nem ao menos conformada. Percebe-se um sentimento de conexão, de harmonia com o lugar.

Outros, mais descontraídos e à vontade com a conversa, expressaram um sentimento de orgulho por fazerem parte da comunidade. Sentimento de estar em casa, plenamente identificados com a Ilha, sentindo-se felizes de fazer parte, de pertencer àquele lugar. A expressão “amor à Ilha” surge com muita intensidade e em maior número, destacando ainda a qualidade de vida e tranquilidade como motivos para ali permanecerem, certos de que em outro lugar não as encontrariam.

Em continuidade à conversa, naturalmente foi possível abordar as questões 76 e 77 ao responder à pergunta “como você classifica...?” (Gráfico 2), onde evidenciou-se suas identificações com o lugar, seus níveis de pertencimento à comunidade, com a Ilha e a atividade pesqueira. Destaca-se que, por se tratar de uma Colônia de Pescadores Artesanais, a atividade profissional é traço marcante e de identificação do lugar e de seus moradores.

**Gráfico 2** - Identidade e Pertencimento.



\* nsr: não saberia responder ou nsa: não se aplica.

Fonte: Elaboração dos Autores, 2019.



Considerando esta identificação da Ilha como uma Colônia de Pescadores e as respostas obtidas até este momento, evidenciou-se que os beneficiários entrevistados estão, em sua maioria, muito identificados com esta característica única do lugar. Seus sentimentos de pertencimento igualmente são fortes, até mesmo àqueles que apresentaram um desânimo em relação à atividade pesqueira, a qual apresenta sucessivas quebras na safra pela pouca incidência de peixes no Estuário da Lagoa dos Patos. Na verdade, justificam este desânimo como uma preocupação com o futuro dos mais jovens, pela falta de uma diversificação das possibilidades profissionais. Mas ainda assim, acreditam que vale a pena continuar a desenvolver suas vidas dentro da comunidade.

Desta forma, a questão 78 (Tabela 1) encerrou o questionário avaliando o nível de senso de lugar que os beneficiários entrevistados possuem, classificando-os segundo a escala estabelecida por Shamai (1991) e plenamente aplicável a esta pesquisa. Constituída de sete níveis, ela cria um *continuum* que vai de zero (0), onde o indivíduo não sente como se fosse seu lugar, até o nível seis (6), o mais alto, onde o indivíduo deixa seus interesses de lado se for pelo bem coletivo e do lugar.

**Tabela 1** – Níveis de Senso de Lugar.

**78.** Como você definiria o seu sentimento em relação à Ilha da Torotama (comunidade, localidade, família, atividade pesqueira, etc.)?

Nível	Qde.	Fases do Sentimento de Lugar (SHAMAI, 1991)
0	-	Não sente como se fosse seu lugar.
1	-	Está inserido na comunidade, mas sem vínculos emocionais.
2	-	Possui uma conexão emocional com as pessoas e o lugar.
3	<b>02</b>	Desenvolve bem sua vida, e sua conexão é forte.
4	<b>04</b>	Sente-se fiel e leal ao lugar, inserido e satisfeito em viver na Ilha.
5	<b>05</b>	Tem papel ativo na comunidade e investe tempo e recursos para estar na Ilha.
6	<b>02</b>	Deixa seus interesses em segundo plano se for pelo bem comum coletivo.

Fonte: Shamai (1991) adaptado pelos Autores, 2019.

Como forma de ressaltar esta avaliação, ela também pode ser expressa de forma percentual (Gráfico 3), e

**Gráfico 3** - Níveis de Senso de Lugar (%).



Fonte: Elaboração dos Autores, 2019.

De fato, os sentimentos evidenciados partem de uma conexão bastante forte indo até aqueles que implicam sacrifícios pessoais para permanecerem no lugar, conforme citações verificadas e expressas em nuvem de palavras (Figura 6).



**Figura 6** - Nuvem de Palavras sobre Senso de Lugar.

**Papel.Ativo.na.Ilha**  
**Fidelidade/Lealdade**  
**Sacrifício.ao.Lugar**  
**Conexão.Forte**

Fonte: Elaboração dos Autores, 2019.

Percebe-se então, que os beneficiários entrevistados possuem uma forte identificação com a Ilha da Torotama e suas características, com a comunidade e as atividades cotidianas, sendo estas marcantes e compartilhadas.

Por se tratar de uma comunidade com característica marcante na pesca artesanal, a interação entre seus moradores é constante, fazendo com que, mesmo verificando-se pequenas divergências de opiniões, suas conexões são efetivas, tanto no desempenho de suas atividades profissionais, como nas relações particulares.

Uma quantidade expressiva dos 13 beneficiários entrevistados (38,46%) possui posição de liderança dentro da comunidade. São pessoas com opiniões fortes, que encontram ressonância nos demais moradores. Positivas na forma como encaram as dificuldades coletivas e em relação ao futuro da Ilha. Demonstram profundo interesse e preocupação em questões que dizem respeito ao bem comum.

Verificou-se ainda, sentimentos de fidelidade e lealdade ao lugar (30,77% dos entrevistados), demonstrando satisfação elevada em estar inserido na comunidade e acreditando em uma vida feliz como membros ativos da Ilha da Torotama.

Percebe-se também, a identificação de beneficiários no ponto mais alto da escala de Shamai (1991), ou seja, pessoas que abrem mão de sonhos e questões de caráter pessoal, caso represente benefícios à coletividade. A estes atribuem-se o que Shamai classifica como “sacrifício pelo lugar”. São na verdade, pessoas com senso coletivo bastante desenvolvido, acreditando que o bem comum sobrepõe-se às necessidades pessoais. O desenvolvimento da comunidade, da coletividade, faz-se sempre mais importante do que os anseios pessoais.

Seus sentimentos de pertencer ao lugar são perceptíveis não apenas em palavras, mas em atitudes, ideias, desejos e esperanças. Assim, diante de todas estas respostas e resultados, é possível desenvolver a necessária discussão, baseada nos referenciais teóricos que determinaram as variáveis desta pesquisa, buscando atingir o objetivo proposto.

Considerando que Relph (1976) atribui ao ser humano a intensa necessidade de conexão a lugares significativos, a Ilha da Torotama responde a essa necessidade. A Ilha é para seus indivíduos e, conforme Relph, destacado em Seamon e Sowers (2008), reflexo da variedade de percepções e experiências de seus moradores. Mas cabe ressaltar que a força da “ausência de lugar”, mencionada por Relph, onde o senso de lugar não assume importância alguma, não foi verificado em nenhum dos envolvidos na pesquisa. Este fato não chega a causar surpresa, considerando que os beneficiários residem na Ilha há vários anos, muitos dos quais representando a 4ª ou 5ª geração de



pescadores artesanais “trutameiros” (termo utilizado para identificação às pessoas que nasceram ou residem na Ilha da Torotama).

De fato, o mais próximo a isso foi exposto pela Beneficiária 09, ao relatar sua relação com a Ilha e a comunidade. Levada a residir com parentes, pescadores da Ilha, inicialmente não gostava do lugar, até por não possuir uma identificação com as atividades desenvolvidas. Com o passar do tempo, constituindo família e filhos, foi se adaptando a ponto de afirmar estar totalmente inserida e identificada com o lugar e as pessoas. Enfatiza que hoje desenvolve sua vida com um sentimento de conexão muito forte ao ambiente e aos familiares, não se imaginando vivendo em outro local. A situação da Beneficiária 09 enfatiza o que Shamai (1991) destacou na determinação de sua escala de senso de lugar: a possibilidade do indivíduo, em processo evolutivo, desenvolver-se de “nenhum senso de lugar” até “apego ao lugar”.

O caráter de isolamento que a Ilha possui, facilmente perceptível ao percorrer o lugar, reforça o que diz Sell (1984) citado por Shamai (1991), sendo um lugar não apenas um objeto, mas parte de um todo que é sentido através da experiência real de eventos significativos. E já que o cotidiano da Ilha se desenrola dentro de seus limites, evidencia-se o que afirma Shamai que, para criar um sentido e um apego ao lugar, existe a necessidade de uma longa e profunda experiência do lugar, e principalmente envolvimento com ele. (SHAMAI, 1991).

Ainda segundo este autor, essa experiência com o lugar, podendo se dar através de todos os sentidos físicos (visão, audição, olfato, toque e paladar), sendo, portanto, uma total experiência sensorial, é reforçada pela declaração da Beneficiária 03: “quando tenho que ir à Rio Grande, só fico feliz na volta... eu abro a janela do ônibus para sentir o cheiro da **minha Ilha** quando estou chegando.” (grifo nosso).

Esta conexão emocional entre o indivíduo e o ambiente, de forma consciente, para Relph (1976) é a estrutura central do senso de lugar, determinando o conceito de pertencimento, uma das variáveis de senso de lugar. Para Relph, quanto mais inserido no lugar o indivíduo se sente, maior será sua identificação com esse lugar.

Esta imersão profunda identificada nos beneficiários entrevistados, reflexo da comunidade como um todo, é o sentido mais forte de experiência de lugar e a isto, conforme Relph (1976), denomina-se “pertencimento existencial”. Ressalta-se que o oposto a esse sentimento, a que Relph denomina de “estranhamento” ao lugar, não foi constatado em nenhuma situação, da mesma forma como a “ausência de lugar”, citado anteriormente.

Cabe destacar que os principais pontos positivos de se viver na Ilha, segundo os beneficiários, recaíram sobre os atributos “segurança” e “tranquilidade”. Surge então, um dos extremos de pertencimento estabelecidos por Relph (1976) e reforçado por Seamon e Sowers (2008), onde afirmam que o indivíduo com alto sentimento de pertencimento, sente-se seguro, protegido e à vontade quando no lugar.

Ainda corroborando com Relph (1976), a comunidade de forma geral e os beneficiários entrevistados em particular, refletem um alto grau de apego e dedicação, forte envolvimento e interesse com a Ilha e, assim, criam uma identidade com o lugar.



Aqui, é como se Relph (1976), evidenciado por Seamon e Sowers (2008), estivessem se referindo a Ilha da Torotama quando definem identidade do lugar: uma persistente unidade que permite que o lugar seja diferenciado dos outros (identidade persistente). Consta-se que identificação do lugar como Colônia de Pescadores se estende na identificação de seus moradores como tais.

Esta constatação de identidade permanente demonstrou-se correta ao identificar os três componentes vitais a ela, conforme Relph (1976): (1) a configuração física e única do lugar; (2) as atividades, situações, eventos e cotidiano compartilhado pelos seus moradores e; (3) os significados pessoais resultantes das experiências, intenções e interações dos indivíduos no lugar. Esta intensidade das experiências individuais e coletivas desenvolvidas na Ilha, fazem com que se perceba uma identidade com o lugar, a sensação de pertencer apontada pelos beneficiários, a sensação de estar “dentro” e não “fora”. (SEAMON; SOWERS, 2008).

Observando os resultados obtidos pela questão 78, expressos na Tabela 1, adaptada de Shamai (1991) para investigar os níveis de senso de lugar, destaca-se a ausência dos níveis mais baixas da escala. Os beneficiários partem do nível de conexão forte com o lugar até o nível de sacrifício pelo lugar. Como exemplo marcante, volta-se à Beneficiária 03 quando relata: “Tu não faz ideia das coisas que abri mão pra continuar aqui... emprego em Rio Grande, uma casa maior”... **“eu amo a minha Ilha** (grifo nosso), eu e muita gente que conheço aqui”... “tenho o maior orgulho de ser ‘trutameira”’.

Ao buscar, conforme Shamai e Kellerman (1985), os diferentes níveis de intensidade de sentimentos em relação ao lugar, evidenciou-se serem as mulheres da Ilha os indivíduos com o mais alto grau de comprometimento com o lugar.

Ilustrando este apontamento, revela-se a experiência dos autores ao presenciar uma atividade conhecida da Ilha: o preparo de siris como forma de subsistência das famílias de pescadores, atividade desempenhada pelas mulheres e quase sempre em grupos. De fato, esta atividade recebeu atenção especial do Jornal Zero Hora, da cidade de Porto Alegre, em reportagem especial publicada em 10 e 11 de março de 2018, intitulada “As leas da ilha dos siris”, em caderno especial. A reportagem destaca a luta diária dessas mulheres, suas dedicações às famílias, à atividade pesqueira e à Ilha da Torotama.

Resta ainda como exemplificação de toda essa identificação com o lugar, os depoimentos de vida, geralmente fortes, que revelam um amor verdadeiro ao lugar e às pessoas. Uma leve preocupação revelada pela Beneficiária 08: “se a pesca não melhorar nos próximos anos, tenho medo que esse lugar maravilhoso se transforme num lugar de idosos”. A Beneficiária 13 complementa: “queria outras oportunidades para os meus filhos, mas a gente nem pensa em sair daqui”.

Desta forma, pertencimento e identidade como variáveis de senso de lugar, de acordo com Seamon e Sowers (2008), andam lado a lado de forma interativa. Sendo assim, ao avaliar como estabelecem o grau de apego, envolvimento e preocupação dos beneficiários do PNHR com a Ilha da Torotama, percebe-se que assumem um nível de importância muito maior que o simples desejo de morar bem.



## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No que se refere à avaliação da satisfação dos beneficiários, acredita-se que os referenciais teóricos inevitavelmente remetem a investigação dos sentimentos de apego e senso de lugar, de pertencimento e identidade. Considera-se que a Ilha da Torotama configura uma unidade espacial específica, e assim, percebida de forma especial e única pelos seus moradores. E é através destas considerações que foi possível responder ao objetivo de pesquisa: avaliar a importância do PNHR como política pública colaboradora e/ou motivadora no desejo das famílias de beneficiários em permanecer na comunidade.

Pode-se concluir, através dos resultados obtidos, que existe por parte dos beneficiários um apego, um senso de lugar bastante significativo. Em sua maioria, possuem uma consciência e uma percepção ambiental muito fortes, demonstrada na apropriação dos espaços e da ilha de forma geral, como sendo suas casas e, portanto, valendo a pena a dedicação de suas vidas para estar ali. Mesmo verificando-se todas as dificuldades enfrentadas pela atividade pesqueira, são poucos os que demonstram desânimo, sendo que os contemplados não buscaram novos lugares para desenvolverem suas vidas.

Percebe-se que se trata de uma comunidade plenamente identificada com o lugar, com as características que esse lugar imprime. São pessoas que enfrentam toda a sorte de dificuldades financeiras e, mesmo assim, demonstram orgulho de serem pescadores, de serem “trutameiros”.

Pertencem ao lugar porque estão identificados com ele. Identificam-se com o lugar porque se sentem parte dele. Aponta-se que estas duas afirmações reforçam os referenciais que os colocam lado a lado, pertencimento e identidade, de forma indivisível e que, ao final, estabelecem a intensidade de apego, de senso de lugar.

Em relação à moradia recebida na experiência de implantação do PNHR, verificou-se um grande impacto na qualidade de vida dos beneficiários. Atuou de forma significativa no sentimento de valorização pessoal. Porém, esta valorização não ocorreu de forma comunitária. Na verdade, percebe-se um sentimento de decepção com o fato de que apenas 47 famílias receberam o benefício de uma demanda inicial de 153 inscritos. A não liberação de novos recursos até então, colabora com este sentimento. No entanto, é este o sentimento que evidencia a preocupação que os moradores demonstram em relação uns aos outros, e o desejo de desenvolvimento da Ilha não apenas de forma individual, mas também coletiva.

Conclui-se que a nova moradia resultante do PNHR, relacionada ao desejo de permanência dos beneficiários na comunidade, colabora sem ser determinante, motiva sem ser essencial. Antes de “morar bem”, estão os valores às dimensões anímicas que o ambiente natural lhes oferece e onde despertam os seus sentimentos de viver bem. Identificação e pertencimento. E é exatamente estes atributos que estão presentes no conceito de Moradia Camponesa, qual seja, no mundo rural esses espaços se constituem em uma unidade física e espacial única, onde diversas escalas de trabalho, lazer e de interação comunitária e social acontecem.



## 7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ATIYEL, Carima. **Análise da atuação dos atores no desenvolvimento do Programa Nacional de Habitação Rural no Município de Cachoeira do Sul/RS**. 2016. 100 f. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2016.

BOLTER, Jairo A. G. **Interfaces e cogestão nas políticas para agricultura familiar: uma Análise do Programa Nacional de Habitação Rural**. 2013. 171 f. Tese (Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Rural) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

BOLTER, Jairo Alfredo G.; SCHNEIDER, Sérgio; HAAS, Jaqueline M. O Programa Nacional de Habitação Rural como estratégia de inclusão e desenvolvimento rural. In: GRISA, Catia; SCHNEIDER, Sergio. (Org.). **Políticas públicas de desenvolvimento rural no Brasil**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2015. p.465-482.

CALLAI, Helena C. O estudo do lugar como possibilidade da construção da identidade e pertencimento. In: CONGRESSO LUSO-AFRO-BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, 8., set. 2004, Coimbra. **Anais...** Coimbra: Universidade de Coimbra, 2004.

ELALI, Gleice A. Psicologia e Arquitetura: em busca do *locus* interdisciplinar. **Estudos de Psicologia**, v.2, n.2, p.349-362, 1997.

JORGENSEN, B. S.; STEDMAN, R. C. A comparative analysis of predictors of sense of place dimensions: attachment to, dependence on, and identification with lakeshore properties. **Journal of Environmental Management**, v.79, n.3, p.316-327, 2006.

LANG, Jon. **Urban design: the American experience**. New York: John Wiley & Sons, Inc., 1994.

PIMPÃO, Tatiana S.; LOURENÇO, Juliana D. Ilha da Torotama: um mapeamento preliminar. **Cadernos do Núcleo de Análises Urbanas**, v.7, n.1, p.162-174, 2014.

RELPH, Edward C. **Place and placelessness**. London: Pion, 1976.

RELPH, Edward C. As bases fenomenológicas da Geografia. **Geografia**, Rio Claro, v.4, n.7, p.1-25, 1979.

ROMÉRO, Marcelo; ORNSTEIN, Sheila. **Avaliação pós-ocupação: métodos e técnicas aplicados à habitação social**. Porto Alegre: ANTAC, 2003. (Coleção Habitare).

ROVER, Oscar; MUNARINI, Paulo. A política de habitação rural e o desenvolvimento da agricultura familiar. **Revista Katálysis**, Florianópolis, v.13, n.2, p.260-269, 2010.

SEAMON, D.; SOWERS, J. **Place and placelessness (1976)**: Edward Relph. In: HUBBARD, P.; KITCHIN, R.; VALENTINE, G. (Org.). **Key texts in human geography**. London: Sage, 2008.

SCHMIDT, Ângela F. Aproximação experimental entre dois saberes – científico e senso comum – na Ilha da Torotama/RS. In: SEMANA NACIONAL DE OCEANOGRAFIA, 13., Itajaí, 2000. **Anais...** Itajaí: UNIVALI-FACIMAR, 2000.



SHAMAI, S. Sense of place: an empirical measurement. **Geoforum**, v.22, n.3, p.347-358, 1991.

SHAMAI, S.; KELLERMAN, A. **Conceptual and experimental aspects of regional awareness**: na Israeli case study. **Tijdschrift voor Economische en Sociale Geografie**, v.76, n.2, p.88-99, 1985.

SILVA, Cecília M. G. **Habitação rural**: uma luta por cidadania. 2014. 152 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: Editora Difel, 1983.

VILLA, Simone; SARAMAGO, Rita; GARCIA, Lucianne. **Avaliação pós-ocupação no Programa Minha Casa Minha Vida**: uma experiência metodológica. Uberlândia: UFU/PROEX, 2015.

YIN, Robert K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. Porto Alegre: Editora Bookman, 2015.

Submetido em: **03/11/2019**

Aceito em: **12/03/2020**